

Através dessas comunicações incessantes, Ana conhecia todo o movimento das catacumbas, colocando sua senhora a par de todos os fatos que se desenrolavam em Roma, acêrca-da redentora doutrina do Crucificado.

Assim que, quando se anunciava a chegada de algum apóstolo da Galiléia ou das regiões que lhe são fronteiriças, Livia fazia questão de comparecer, fazendo-se acompanhar pela serva desvelada e fiél, atravessando os caminhos á pé, embora trajasse agora a sua indumentária patricia, de conformidade com a autorização do marido, para professar livremente as suas crenças. Ela estava ciente de que, perante a sociedade, sua atitude representava um grave perigo, mas o sacrificio de Simeão fôra um marco de luz assinalando os seus destinos na Terra. Adquirira coragem, serenidade, resignação e conhecimento de si mesma, para nunca tergiversar em detrimento da sua fé ardente e pura. Se as suas antigas relações de amizade, em Roma, atribuiam as suas modificações interiores á demência; se o marido não a compreendia e Calpurnia e o filho cavavam, ainda mais, o grande abismo que Públio havia aberto entre ela e a filha, possuía o seu espírito, na crença, um caminho divino para fugir de todas as terrenas amarguras, sentindo que o Divino Mestre de Nazaré lhe dulcificava as úlceras da alma, compadecendo-se do seu coração retalhado de amarguras. Era-lhe a fé como um archote luminoso clareando a estrada dolorosa e do qual se irradia em luzes sacrossantas e antecipadas das eternas diavam os divinos clarões da confiança humana na Providência Divina, que transforma as provações penosas da Terra em luzes sacrossantas e antecipadas das eternas alegrias do Infinito.

IV

TRAGÉDIAS E ESPERANÇAS

A vida real é sempre prosáica, sem fantasia nem sonhos.

Assim decorre a existência dos personagens dêste

livro, na tela viva das realidades nuas e dolorosas do ambiente terrestre.

Os que atingem determinadas posições sociais, bem como os que se aproximam do crepúsculo da vida fragmentária da Terra poucas novidades têm a contar, com respeito ao curso de cada dia.

Ha um período na existência do homem, em que lhe parece não haver mais a precisa pressão psíquica do coração, afim-de que se lhe renovem os sonhos e as aspirações primeiras, figurando-se a sua situação espiritual cristalizada ou estacionária. No íntimo, não ha mais espaço para novas ilusões ou reflorescimento de novas esperanças e a alma, como que num doloroso período de espectação e forçado silêncio, queda-se no caminho, contemplando os que passam, presa aos cordéis da rotina, das semanas uniformes e indiferentes.

Estamos vivendo, agora, o ano 57, e a vida dos atores dêste drama doloroso, figura-se quasi invariável no desdobramento infindo dos seus episódios comuns e angustiosos.

Apenas uma grande modificação se fizera na residência de Calpurnia.

Plínio Severus, nas suas radiosas expressões de vitalidade física, já havia recebido as maiores distinções por parte das organizações militares, que garantiam a estabilidade do Império. Longas e periódicas permanências nas Gálias e na Espanha, lhe haviam angariado honrosíssimas condecorações, mas, no seu íntimo, a vaidade e o orgulho haviam proliferado intensamente, não obstante a generosidade do seu coração.

Os primeiros ciúmes ásperos da espôsa fizeram-se acompanhar de consequências nefastas e dolorosas.

Aos criminosos propósitos de Saúl, juntaram-se as pérfidas confidências das amigas mentirosas e Flávia Lentulia, longe de gozar a ventura conjugal a que tinha direito pelos seus elevados dotes do coração, descera, sem o sentir, dado os seus ciúmes desmesurados, aos mais tenebrosos abismos do sofrimento e da provação.

Para um homem da natureza de Plínio, era muito fácil a substituição do ambiente doméstico pelas festi-

vidades ruidosas do circo, na companhia de mulheres alegres, que não faltavam em todos os lugares da metrópole do pecado.

Em breve, o carinho da espôsa foi substituído pelo falso amor de numerosas amantes.

Debalde, procurou Calpurnia interpôr seus bons ofícios e carinhosos conselhos, e, em vão, prosseguia a jovem espôsa do oficial romano no seu martírio imperturbável e silencioso.

As únicas queixas de Flávia eram guardadas pelo coração generoso da mãe de seu marido, ou então, confiadas ao espírito do pai, em confidências amarguradas e penosas.

Públio Lentulus compreendendo a importância da cooperação feminina na regeneração dos costumes e no reerguimento do lar e da família, incitava a filha ao máximo de resignação e tolerância, fazendo-lhe sentir que a espôsa de um homem é a honra do seu nome e o alimento da sua vida, e que, enquanto um marido se perverte no torvelinho das paixões desenfreadas, escarnecendo de todos os bens da vida, basta, às vezes, uma lágrima da mulher para que a paz conjugal volte a brilhar no céu sem nuvens do afeto puro e recíproco.

Para o espírito de Flávia, a palavra paterna tinha fóros de realidade insofismável e ela buscava amparar-se nas suas promessas e nos seus conselhos, julgados preciosos, esperando que o espôso voltasse, um dia, ao seu amor, entre as bênçãos do caminho.

Enquanto isso, Plínio Severus dissipava no jogo e nas folganças uma verdadeira fortuna. Sua prodigalidade com as mulheres tornára-se proverbial nos centros mais elegantes da cidade e, poucas vezes, buscava o ambiente familiar, onde, aliás, todos os afetos se conjugavam para esclarecer-lhe docemente o espírito desviado do bom caminho.

A morte do velho pretor Sálvio Lentulus, antes do ano 50, obrigára a família de Públio e os remanescentes de Flamínio aos protocolos sociais junto de Fúlvia e da filha, por ocasião das homenagens prestadas às cinzas do morto, que havia passado pelo mundo, envôlto no

mistério da sua passividade resignada e incompreensível.

Bastou êsse ensejo para que Aurélia retomasse a oportunidade perdida. Um olhar, um encontro, uma palavra e o filho mais moço de Flaminio, enamorado das belezas pecaminosas, restabeleceu o laço afetivo que o encontro de um amor santificado e puro havia destruído anteriormente.

Em breve, ambos eram vistos com olhares significativos pelos teatros, pelos circos ou pelas grandes reuniões esportivas da época.

De todas essas dôres, fizera Flávia Lentulia o seu calvário de agonias silenciosas, dentro do lar que a sua fidelidade dignificava. Nas suas meditações isoladas, muitas vezes deplorou os seus antigos desabafos de ciúme injustificável, que constituíram a primeira porta para que o marido se desviasse dos sagrados deveres em família; mas, no seu orgulho de patricia, ponderava que era muito tarde para qualquer arrependimento, considerando, intimamente, que o único recurso era guardar a volta do espôso ao seu coração fiel e dedicado, com o máximo de humildade e paciência. Nos seus instantes de contrição, escrevia páginas amarguradas e luminosas, pelos elevados conceitos que traduziam, ora implorando a piedade dos deuses em súplicas fervorosas, ora este-reotipando as suas angústias íntimas em versos comove-dores, lidos tão somente pelos olhos paternos que, a chorar de emotividade, consideravam, muitas vezes, se a desventura conjugal da pobre filha não era igualmente uma herança singular e dolorosa.

Por volta do ano 53, desaparecia em trágicas circunstâncias, nos escuros braços da morte, uma das figuras mais fortes desta história.

Referimo-nos á Fúlvia, que, dois anos após o falecimento do companheiro, acusava as mais sérias perturbações mentais, a par de inquietantes fenômenos organicos, provenientes de passados desvarios.

Feridas cancerosas devoravam-lhe os centros vitais e, por dois anos a-fio, o corpo emagrecido era forçado ás mais penosas e incômodas posições de repouso, enquanto os olhos inquietos e arregalados dansavam nas

órbitas, como se nas suas alucinações fôsse compelida à vidência dos quadros mais sinistros e tenebrosos.

Nessas ocasiões, não encontrava a dedicação da filha, que não soubera educar, sempre atarefada nos seus constantes compromissos de festas, encontros, representações sociais numerosas.

Mas a misericórdia divina, que não abandona os seres mais infelizes e desditosos, dera-lhe um filho carinhoso e compassivo para as dores expiatórias.

Emiliano Lucius, o marido de Aurélia, era dêsses homens dignos e valorosos, raros na paciência e nas mais elevadas virtudes domésticas.

Por noites e noites sucessivas, velava pela velhinha infeliz, que as dores físicas castigavam impiedosamente com o azorrague de suplícios atrozes.

Nos seus últimos dias, vamos ouvir-lhe as palavras desconexas e dolorosas. Noite alta, quando as próprias escravas descansavam, subjugadas pela fadiga e pelo sono, parecia que os seus ouvidos de louca se aguçavam, espantosamente, para ouvir os ruídos do próprio invisível, dirigindo impropérios às suas antigas vítimas, que voltavam das mais baixas esferas espirituais para rodear-lhe o leito de sofrimento e morte. Olhos desmesuradamente abertos, como se fixassem visões fatídicas e horrorosas, exclamava a pobre velhinha, abraçando-se ao genro, no auge das suas frequentes crises do medo e desesperação inconciente:

— Emiliano!... — exclamava em atitudes de pavor supremo. — Este quarto está cheio de seres tenebrosos!... Não percebes? Ouve bem... Ouço-lhes os impropérios sombrios e as sinistras gargalhadas!... Conhecestes Sulpício Tarquinius, o grande lictor de Pilatos?... Ei-lo que chega com os seus legionários mascarados de treva!... Falam-me da morte, falam-me da morte!... Socorre-me, filho meu!... Sulpício Tarquinius tem um corpo de dragão que me apavora!...

Crises de soluço e lágrimas sucediam-se a essas observações angustiosas.

— Acalma-te, mãe! — exclamava o militar, cons-

ternado até ás lágrimas. Tenhamos confiança na bondade infinita dos deuses!...

— Ah!... os deuses! — gritava agora a infeliz, em histéricas gargalhadas — os deuses!... onde estariam os deuses desta casa infame? Emiliano, Emiliano, nós é que criamos os deuses para justificar os desvarios de nossa vida! O Olimpo de Júpiter é uma mentira necessária ao Estado... Somos uma caveira enfeitada na Terra com um punhado de pó!... O único lugar que deve existir, de fato, e o inferno onde se conservam os demônios com os seus tridentes no braseiro!... Ei-los que chegam em falanges escuras!...

E, apegando-se fortemente ao peito do oficial, gritava disparatadamente, como se buscasse ocultar o rosto, de sombras ameaçadoras:

— Nunca me levareis, malditos!... Para trás, canalhas!... Tenho um filho que me defende de vossas investidas tenebrosas!...

Emiliano Lucius acariciava bondosamente os cabelos brancos da desventurada senhora, incitando-a a implorar a misericórdia dos deuses, de modo a balsamizarem-se-lhe os rudes padecimentos.

De outras vezes, Fúlvia Prócula, como se tivesse a consciência despertada por um raio divino, dizia, mais calma, ao filho que o destino lhe havia dado:

— Emiliano, estou aproximando-me da morte e preciso confessar-te as minhas faltas e os meus grandes deslises! Perdôa-me, filho, se tamanhos trabalhos te hei proporcionado! Minha existência misérrima foi uma longa esteira de crimes, cujas manchas horrorosas não poderão ser lavadas pelas próprias lágrimas da enfermidade que ora me conduz aos impenetráveis segrêdos da outra vida! Nunca, porém, conseguí ponderar as amarguras terríveis que me esperavam. Hoje sinto, nas pesadas sombras dalma, que minha consciência se tisonha do carvão apagado do fogo das paixões nefastas que me devoraram o penoso destino!... Fui espôsa desleal, impiedosa e mãe desnaturada...

Quem se apiedará de mim, se houver uma clari-
dade espiritual para as cinzas do túmulo? Dêste leito

de loucura e agonia desesperada, vejo o desfile incessante de fantasmas dolorosos, que parecem esperar-me no pórtico do sepulcro!... Todos profligam os meus crimes passados e mostram-se jubilosos com os padecimentos que me arrastam á sepultura!

Sem uma crença sincera, sinto-me agora entregue a êsses dragões do imponderável, que me fazem evocar o passado criminoso e sombrio!...

Uma torrente de lágrimas de compunção e arrependimento seguia-se a êsses instantes vertiginosos, de raciocínio e lucidez.

Emiliano Lucius aflagava-lhe, com carinho, a face rugosa, imergindo-se êle mesmo em cismas dolorosas.

Aquele quadro lancinante era bem o fim tempestuoso de uma existência de deslises clamorosos.

Sim... êle tudo compreendia agora. A rebeldia da espôsa, a sua incompreensão, os atritos domésticos, aquela sêde insaciável de festas ruidosas em companhia de afétos que não eram os dêle, deviam ser os frutos amargos de uma educação viciada e deficiente. Mas, seu coração estava cheio de uma generosidade sem limites. Espírito valoroso, compreendia a situação e quem compreende perdôa sempre.

Uma noite em que a doente manifestava crises acentuadas e profundas, o bondoso official ordenou que as servas se recolhessem.

A pobre louca falava sempre, como se fôra tocada de uma energia inexgotável e incompreensível.

Copioso suor inundava-lhe a fronte, tomada de febre alta e constante.

— Emiliano — gritava ela desesperadamente — onde está Aurélia, que não busca velar á minha cabeceira nas vésperas da morte? Como as falsas amizades de minha vida, terá ela também horror do meu corpo?

— Aurélia — explicou generosamente o official — precisava desobrigar-se hoje de um compromisso com as amigas, na organização de alguns serviços sociais!

— Ah! — exclamou a demente em sinistras gargalhadas — os serviços sociais... os serviços sociais!... Como pudeste crer nisso, filho meu? Tua mulher, a estas

horas, deve estar ao lado de Plínio Severus, seu antigo amante, em algum lugar suspeito desta cidade miserável!...

Emiliano Lucius fez o possível para que a infeliz dementada não prosseguisse em suas revelações terríveis e impressionantes; mas Fúlvia continuava o libelo tremendo e doloroso.

— Não, não me prives de continuar... — prosseguia desesperadamente. — Ouve-me ainda! Todas as minhas acusações representam a criminoso realidade... Muitas vezes, a verdade está com aqueles que enlouqueceram!... Fui eu própria que induzi minha infeliz filha aos desvios conjugais... Plínio Severus era o inimigo que ela precisava vencer, na qualidade de mulher... Facilitai-lhe o adultério, que se consumou sob este teto!... Certifica-te, filho meu, da enormidade de minhas faltas!... Horroriza-te, mas perdôa!... E vigia tua mulher para que não continue a trair-te, com as suas perfídias torpes, e não venha um dia a apodrecer, lamentavelmente, como eu, num leito de sêdas perfumosas!...

O generoso militar acompanhava, boquiaberto e aflito, aquelas revelações assombrosas.

Então a espôsa, além de não o compreender no seu idealismo, ainda o traía vergonhosamente, no próprio ambiente sacrossanto do lar? Emoções dolorosas represavam-se-lhe no coração, mas, possivelmente, tôdas aquelas palavras não passavam de um simples delírio febril, na demência incurável. Uma dúvida horrível e impiedosa aninhara-se-lhe no coração angustiado. Algumas lágrimas humedeceram-lhe os grandes olhos tristes, enquanto a enfêrma dava uma trégua às suas penosas revelações.

Daí a minutos, porém, com voz estentórica, continuava:

— E Aurélia? Que é feito de Aurélia que não vem? Por onde andarás minha pobre filha criminoso e infiel? Amanhã, meu filho, hei de confiar-te os infames segredos da nossa existência desventurada!

Alguém, todavia, penetrara no aposento contíguo,

cautelosa e silenciosamente. Era Aurélia que voltava de uma festividade ruidosa, onde o vinho e os prazeres haviam jorrado em abundância.

Depois de atravessar a porta proxima, ainda ouviu as últimas palavras da mãe, no auge da febre e da deseseparação doentia. Ela, que não ouvira as tristes revelações de pouco antes, considerou que a doente, no dia imediato, haveria de cumprir a terrível promessa e, num relance, examinou todas as probabilidades de execução da idéia tenebrosa que lhe passara pela mente criminosa e infeliz. Seus olhos pareciam vidrados de cólera, sob o azorrague de um pensamento mórbido, que lhe aflorára repentinamente no coração frio e impiedoso.

Despiu os trajes de festa reintegrando-se nos aspectos interiores do lar e abriu uma nova porta, dirigindo-se ao leito materno, onde acariciou a mãe fingidamente, enquanto o espôso incompreendido a contemplava, de cérebro fervilhante e dolorido, sob o domínio das dúvidas mais acerbas.

— Mãe, que é isso? — perguntou afetando uma preocupação imaginária. Estás cansada... precisas repousar um pouco.

Fúlvia fitou-a profundamente, como se um clarão de lucidez lhe houvesse clareado repentinamente o espírito abatido. A presença da filha tranquilizava de algum modo o seu coração dolorido e a sua consciência dilacerada. Sentou-se com esforço, no leito, afagou os cabelos da filha, como sempre costumava fazer na intimidade, deitando-se em seguida e figurando-se com boa disposição de repousar.

Emiliano Lucius retirou-se da cena, considerando que sua presença já não era necessária.

Mas, Aurélia continuava a falar com o seu fingido carinho:

— Queres, mãe, uma dose do calmante para o repouso preciso?

A pobre louca na sua inconsciência espiritual fez um sinal afirmativo com a cabeça.

A jovem encaminhou-se ao seu aposento privado e, retirando minúsculo tubo de um dos móveis prediletos,

deixou pingar algumas gotas numa pequena taça de sedativo, monologando consigo mesma: — “Sim!... um segredo é sempre um segredo... e só a morte pode guardá-lo convenientemente!... ”

Caminhou sem hesitação para o leito materno, onde, por mais de dois anos jazia a infeliz, devorada pelo cancer e atormentada pelas visões mais sinistras e tenebrosas.

Num relance, o horrível envenenamento estava consumado. Ministrada a poção corrosiva e violenta, Aurélia determinou, então, que duas escravas velassem o sono da enfêrma, como de costume, ao regressar das noites ruidosas, esperando o resultado da ação criminosa e injustificável.

Em duas horas, a enfêrma apresentava os mais evidentes sinais de sufocação sob a ação do corrosivo, que constituía mais um daqueles filtros misteriosos e homicidas da época.

Ao chamamento aflito das servas, todas as pessoas da casa se colocaram a postos, dado o penoso estado da enfêrma.

Emiliano Lucius contemplou-lhe os olhos, que se iam apagando no véu da morte, e debalde procurou fazer que a moribunda lhe dissesse ainda uma palavra. Seus membros frios foram-se enrijando devagarinho, da boca começou a escapar-lhe uma espuma rósea.

Em vão, foram chamados os entendidos da medicina, naqueles derradeiros instantes. Naquela época, nem os esculápios conheciam os segredos anatômicos do organismo, nem havia uma polícia especial para averiguar as causas profundas das mortes misteriosas. O envenenamento de Fúlvia correu por conta das moléstias incompreensíveis que, durante muitos meses lhe haviam eliminado todos os centros de vitalidade.

Contudo, aquela agonia rápida não passou despercebida a Emiliano, que juntou mais uma dúvida penosa aos amargos pensamentos que lhe negrejavam o fôro íntimo.

Aurélia buscou representar, do melhor modo, a comédia da sentimentalidade em tais circunstâncias, e de-

pois das cerimônias simplificadas e rápidas, em vista da imediata decomposição cadavérica, que forçou a incineração em breves horas, o antigo lar do pretor Sálvio Lentulus tornou-se o abrigo de dois corações que se odiavam mutuamente.

Se a espôsa infiel, logo após os primeiros dias de luto, retornava á sua existência de regalados prazeres, Emiliano Lucius nunca pôde esquecer as revelações de Fúlvia nas vésperas do seu desprendimento, envolvendo-se, então, num véu de tristeza que lhe cobriu o coração por mais de dois anos.

Em 54, subia Domício Nero ao poder, fazendo-se acompanhar de uma depravada côrte de áulicos perversos e de concubinas numerosas quão desalmadas.

Muito tarde, reconheceu Agripina a inconveniência de sua atitude maternal, obrigando o Imperador Cláudio a anuir ao casamento de sua filha Otávia com aquele que, mais tarde, iria eliminar-lhe a própria vida com os maiores requintes de perversidade.

O Forum e o Senado receberam, tremendo, a sombria notícia da proclamação do nvo César pelas legiões pretorianas, não tanto por êle, mas porque sabiam, de antemão, que aquele príncipe ignorante e cruel ia tornar-se um fácil joguête dos espíritos mais ambiciosos e mais perversos da côrte romana.

Ninguém, todavia, ousou protestar, tal a série de crimes tenebrosos, perpetrados impunemente, para que Domício Nero atingisse os bastidores do supremo poder.

No ano 56, o envenenamento do jôvem Britânicus punha arrepios de terror em todos os patrícios.

Medidas ignominiosas foram postas em prática para humilhar os senadores do Império, que não conseguiram efetivar os seus protestos formais. Todas as famílias mais importantes da cidade conheciam que, diante de si, tinham os filtros venenosos de uma Locusta, a tirania e a perversidade de um Tigelinus, ou o punhal de um Aniceto.

A morte inesperada de Britânicus, porém, provocára certo descontentamento, dando azo a que se manifestassem alguns espíritos mais valorosos.

Entre êsses, estava Emiliano Lucius, que se viu logo em sérias perspectivas de banimento, tornando-se vigiado pelos inúmeros esbirros do Imperador.

O generoso oficial buscou recolher-se, o mais que lhe era possível, evitando a possibilidade de conflitos. Recrudesceram as suas angústias íntimas e as suas meditações tornaram-se mais profundas e dolorosas. . .

Uma noite tranquila, quando se recolhia ao lar nas primeiras horas, contrariamente aos seus hábitos mais antigos, notou que o aposento da espôsa estava cheio de vozes animadas e alegres. Observou que Aurélia e Plínio se embriagavam no vinho de seus venenosos prazeres e, olhos traduzindo incoercível espanto, viu que a espôsa o traía no próprio tálamo conjugal.

Emiliano Lucius sentiu que um espinho mais agudo lhe penetrava o coração sensível e generoso, em verificando, por si mesmo, aquela realidade cruel. Sentiu impetos de chamar o amante ao campo da honra para morrer ou eliminar-lhe a vida, mas considerou, simultaneamente, que Aurélia não merecia um tal sacrifício.

Enojado de tudo o que se referia á sua época e sentindo-se vencido nas desventuras do seu penoso destino, o nobre oficial retirou-se para o antigo gabinete do pretor Sálvio, onde estabelecera a séde de seus trabalhos diturnos e, tomado de sinistra e dolorosa resolução, abriu um velho armário onde se alinhavam pequenos frascos, retirando um dêles de configuração especial, afim-de satisfazer os amargos propósitos do seu espírito vencido.

Frente á taça de cicuta, o cérebro dorido perdeu-se, por minutos, em pungentes conjecturas; mas, estudando intimamente todas as suas probabilidades de ventura, considerou, no auge do desespero, que, á traição da mulher, ás ameaças de proscricção e de banimento ou á possibilidades de um ataque nas sombras, era preferível o que êle considerava o consôlo derradeiro da morte.

Num instante, sem que os seus amigos espirituais pudessem demovê-lo do intento terrível, tal a subitaneidade do gesto desesperado e irrefletido, sorveu o conteúdo de pequena taça, descansando depois a jóvem

cabeça sôbre os braços, estirado num leito próprio do triclínio, mas adaptado ao seu gabinete antigo, abarrotado de mármore e de pergaminhos preciosos.

A morte horrível não se fez esperar muito e, no círculo numeroso de suas relações de amizade, enquanto Aurélia representava uma nova farça de pesares imaginários, comentava-se o suicídio de Emiliano não como consequência direta de suas profundas desilusões domésticas, mas como fruto da tirania política do novo imperador, sob cujo reinado tantos crimes foram cometidos, diariamente, nas sombras.

Sózinha agora, no seu campo de ação, Aurélia entregou-se livremente aos seus desvarios, amplificando as suas inclinações nocivas e procurando reter, cada vez mais, junto de si, o homem de suas preferências, objeto de suas desenfreadas ambições.

Em casa dos Lentulus e dos Severus, a vida continuava a desfiar o rosário das desventuras.

Havia mais de cinco anos, em 57, que Saúl de Gioras se encontrava definitivamente instalado em Roma, sem haver desistido dos seus desejos e propósitos a respeito da esposa do amigo e benfeitor. Consolidada a sua fortuna no comércio de péles do Oriente, não perdia êle as mínimas oportunidades para evidenciar a excelência de sua situação material á mulher cobiçada de longos anos. Flávia Lentulia, porém, fizera da existência um calvário de resignação, comovedora e silenciosa.

A vida pública do marido era, para o seu espírito, um prolongado e doloroso suplício moral. Acêrca-do assunto, fazia Saúl, de vez em quando, referências indiretas, no intuito de chamar-lhe a atenção para o seu afeto, mas a pobre senhora nêle não via outra individualidade, além de um amigo ou irmão. Debalde, o moço judeu testemunhava-lhe sua admiração pessoal, em gestos de extrema gentileza, buscando oferecer-lhe a sua companhia; mas, a verdade é que os apêlos de sua alma impetuosa e apaixonada não encontravam ressonância no coração daquela mulher, que enfeitava com a dôr a dignidade do matrimônio.

Saúl, todavia, esperava sempre.

Tocado pelas expressões do seu dinheiro, Araxes animava-lhe as esperanças, sem o deixar esmorecer nos seus perigosos instintos.

Plínio Severus só vinha ao lar de vez em quando, alegando serviços ou viagens numerosas para justificar a continuidade de sua ausência. Mal se precavava êle de que as despesas astronômicas lhe arruinavam, pouco a pouco, as possibilidades financeiras, conduzindo igualmente os seus familiares ao esgotamento de todos os recursos.

Algumas vezes, mantinha colóquios afetuosos com a espôsa, a quem se sentia prêso pelos laços de uma afeição terna e profunda, mas as seduções do mundo eram já muito fortes no seu coração, para serem extirpadas. No íntimo, desejava voltar á calma do lar, á vida carinhosa e tranquila; mas, o vinho, as mulheres e os ambientes ostentosos eram a permanente obsessão do seu espirito combalido; outras vezes, embora amando a espôsa ternamente, não lhe perdoava a circunstância da sua superioridade moral, irritando-se contra a própria humildade que ela testemunhava em face dos seus desatinos, e regressava novamente aos braços de Aurélia, como vítima indecisa entre as forças do bem e do mal.

No ano 57, a saúde de Calpurnia, abalada em extremo, obrigára a família a reunir-se em tórno do leito da matrona generosa. Pela primeira vez, após o casamento do irmão, voltou Agripa Severus de suas longas aventuras em Massília e em Avênio, para junto de sua mãe enfêrma e abatida, atendendo-lhe aos apêlos, sentidos e carinhosos. Reencontrar Flávia Lentulia e participar com ela das claridades do ambiente doméstico, foi o mesmo que reviver um velho vulcão adormecido.

A um golpe de vista, compreendeu a situação conjugal de Plínio, procurando substituir-lhe o afeto junto da espôsa desvelada e carinhosa. Desejava confessar-lhe tódo seu amor ardente e infeliz, mas guardava no coração um sublime respeito fraternal por aquela mulher, que confiava nêle como um irmão muito amado.

Foi assim que, nas alternativas de melhora da velha enfêrma, Flávia lhe aceitou a companhia para distrair-se

nalguns espetáculos da rumorosa cidade da época.

Tanto bastou para que Saúl envenenasse os acontecimentos, supondo nessas expansões inocentes uma ligação menos digna, que lhe enchia de pavorosos ciúmes o coração violento e irascível.

Na primeira oportunidade, colocou Plínio Severus a par de todas as suas cavilosas suspeitas, arquitetando, com a sua imaginação doentia, situações e acontecimentos que jamais se verificaram. O espôso de Flávia era dêsses homens caprichosos, que, organizando um círculo de liberdade ilimitada para si próprio, nada concedendo á mulher, nem mesmo no terreno das afeições desinteressadas e puras. Dessa fôrma, Plínio Severus começou a acatar a palavra de Saúl, concedendo-lhe aos conceitos insensatos o mais largo crédito, no seu fôro íntimo. Ele, que deixára a companheira afetuosa ao abandono e que, por largos anos dêra azo ás mais penosas amarguras domésticas, sentiu-se, então, ralado de ciúmes acerbos e inconcebíveis, passando a espionar os menores gestos do irmão e a desconfiar dos mais secretos pensamentos da espôsa, esperando que a moléstia irremediável de sua mãe tivesse uma solução na morte, esperada em breve, afim-de se pronunciar com mais fôrça na reinvidicação dos seus direitos conjugais.

Entrára o ano de 58 com amarguradas perspectivas para os nossos personagens.

Um fato, porém, começava a ferir a atenção de todos os personagens desta história real e dolorosa.

A dedicação de Lívia á sua velha amiga doente era um exemplo raro de amor fraterno, de carinho e bondade indefiníveis. Oito meses a-fio, sua figura frágil e silenciosa esteve a postos dia e noite, sem descanso, junto ao leito de Calpurnia, provando-lhe com exemplos a excelência dos seus princípios religiosos.

Muitas vezes, a nobre matrona considerou, intimamente, a superioridade moral daquela doutrina generosa, que estava no mundo para levantar os caídos, confortar os enfêrmos e os tristes, disseminando as mais formosas esperanças com os desiludidos da sorte, em confronto com os seus velhos deuses que amavam os

mais ricos e os que oferecessem os melhores sacrifícios nos templos, e aquele Jesús humilde e pobre, descalço e crucificado, de que lhe falava Livia nas suas palestras íntimas e carinhosas.

Calpurnia estava plenamente modificada, às vésperas da morte. A convivência contínua da velha amiga, renovara-lhe todos os pensamentos e crenças mais radicadas. Tratava melhor as escravas que lhe beiravam o leito e pedira á Livia lhe ensinasse as preces do profeta crucificado em Jerusalém, o que ambas faziam de mãos postas, quando os aposentos da enfêrma ficavam silenciosos e desertos. Nêsses instantes, a viúva de Flamínio Severus sentia que as dôres abrandavam, como se um bálsamo suave lhe refrescasse os centros íntimos de força; cessavam as dispnéias dolorosas e a respiração quasi se normalizava, como se profundas energias do plano invisível lhe reanimassem o coração escleroso e fatigado.

Ao espírito de Públio não passavam despercebidos êsses sintomas de modificação moral da velha matrona, nem tão pouco o nobre procedimento da espôsa, que nunca mais repousou, desde o instante em que a vira inerte e exausta. Os sofrimentos da vida haviam igualmente modificado muito a estrutura da sua organização espiritual e, como nunca, sentia o senador a necessidade de se reconciliar com a espôsa, para enfrentar os invernos penosos da velhice que se aproximava.

Não sô êle, como Livia, já haviam ultrapassado meo século de existência e, agora que tão bem conhecia a vida e os seus dolorosos mecanismos de aperfeiçoamento, sentia-se apto a perdoar todas as faltas da espôsa, no pretérito, considerando que os seus vinte e cinco anos de martírio moral, no sacrossanto ambiente doméstico bastavam para redimi-la das faltas que, porventura, houvesse cometido, nas ilusões da mocidade, em uma terra estranha, conforme supunha em suas falsas observações, filhas ainda da calúnia que lhe destruiu a ventura e a paz de uma existência inteira.

Nos primeiros dias do ano 58, os podestamentos de Calpurnia foram subitamente agravados, esperando-se a cada momento o penoso desenlace.

Os filhos e os mais íntimos lhe rodeavam o leito, grandemente comovidos, embora reconhecessem a necessidade de repouso para aquele corpo doente e esgotado.

Na ante-véspera da morte, a veneranda senhora pediu que a deixassem sózinha com o senador, por algumas horas, alegando a necessidade de confiar a Públio Lentulus algumas disposições "in extremis".

Atendida, imediatamente, vamos encontrá-los em íntimo colóquio, como se estivessem juntos pela última vez, para decisão de assuntos importantes e supremos.

Públio, ainda em pleno vigor de sua compleição física, tinha os olhos rasos d'agua, enquanto a velha matrona o contemplava, deixando transparecer um clarão de profunda lucidez nos olhos calmos e profundos.

— Públio — começou ela, gravemente, como se aquelas palavras fôsem as suas últimas recomendações — para os espíritos de nossa formação não pode existir o receio da morte, e é por esse motivo que deliberei falar-te nas minhas horas derradeiras...

— Mas, minha boa amiga — respondeu o senador, franzindo a testa e esforçando-se por dissimular a comoção que lhe ia na alma, lembrando-se de que, nas mesmas circunstâncias, lhe falára Flaminio pela última vez, entre as paredes daquele quarto — somente os deuses podem decidir de nossos destinos e só eles conhecem os nossos últimos instantes!...

— Não duvido dessas verdades — acudiu a valerosa patricia — mas, tenho a certeza de que as minhas horas na Terra chegam a termo e não quero levar para o túmulo o remorso de uma falta que reconheço haver cometido, ha mais de dez anos...

— Uma falta? Nunca... Vossa vida, Calpurnia, foi sempre um dos mais raros exemplos de virtude nesta época de transição e degenerescência dos nossos mais belos costumes...

— Agradeço-te, meu grande amigo, mas a tua gentileza não me exime da penitência perante o teu espírito, afirmando que ha mais de dez anos errei num julgamento, pedindo-te hoje recebas a minha retificação, talvez tardia, mas ainda a tempo de santificarmos, com o

mais justo respeito, uma vida de sacrifícios dolorosos e de abnegações santificantes!...

Públio Lentulus adivinhou que se tratava de sua mulher e, com a voz embargada pela emoção e pelas lágrimas, deixou que a velha amiga continuasse, de olhos enxutos, manifestando o mais súbito valor moral em face da morte que se aproximava.

— Refiro-me á Livia — continuou Calpurnia em tom comovido — a respeito de quem tive a infelicidade de te transmitir uma suposição errônea e injusta, cortando-lhe a última possibilidade de ventura na Terra; mas, a morte renova as nossas concepções da vida e os que estão prestes a abandonar este mundo possuem uma visão mais clara de todos os problemas da existência.

Hoje, meu amigo, digo-te, de alma serena, que tua esposa é imaculada e inocente...

O senador sentia que o pranto lhe brotava espontaneamente dos olhos, mas estava intimamente confortado por saber que a sua venerável amiga confirmava, agora, as convicções que o tempo lhe aumentara, quanto à nobilíssima companheira de sua existência.

— Não to digo simplesmente por uma questão de egoísmo pessoal, em penhor de agradecimento pelas supremas dedicações de Livia para comigo no decurso desta dolorosa enfermidade — continuou ela, valorosamente. Um espírito do nosso estofado deve estar com a verdade acima de tudo e esta minha confissão não se verifica tão somente pelas observações da minha fraqueza toda humana.

A realidade, todavia, meu amigo, é que, desde aquela noite em que me pediste opinasse sobre tua esposa e minha desvelada amiga, sinto o espinho de uma dúvida cruel no meu coração dilacerado. Livia foi sempre a minha melhor companheira e contribuir para a sua desventura, injustificadamente, era aos meus olhos a suprema falta de toda a vida...

Por onze anos, orei constantemente e ofereci numerosos sacrifícios nos templos, para que os deuses me inspirassem a verdade sobre o assunto e, por todo esse tempo, tenho esperado pacientemente a revelação do

céu... Só hoje, porém, me foi dado obtê-la, já nos pórticos do sepulcro!...

E' possível que minha pobre alma, já semi-desmaterializada, esteja participando dos incompreendidos mistérios da vida do além-túmulo e talvez seja por isso que, hoje pela manhã, vi a figura de Flaminio neste quarto!... Era muito cedo e eu estava só, com as minhas meditações e as minhas preces!...

Neste interim, a palavra da enferma tornára-se entrecortada de profundas emoções que a dominavam, enquanto Públio Lentulus chorava, em doloroso silêncio.

— Sim... — prosseguiu Calpurnia, depois de longa pausa — no meio de uma luz difusa e azulada, vi Flaminio a estender-me os braços carinhosos e compassivos... No olhar, observei-lhe a mesma expressão habitual de ternura e, na voz, o timbre familiar, inesquecível... Avisou-me de que dentro de dois dias penetrarei os mistérios indevassados da morte, mas essa revelação do meu fim próximo não me podia surpreender... porque, para mim... que ha tantos anos vivo no meu exílio de saudade e sombras... acrescido das continuadas angústias de uma enfermidade longa e dolorosa... a certeza da morte constitúe um supremo consôlo... Confortada pelas doces promessas da visão, que me auguravam êsse brando alívio para breves horas... perguntei ao espírito de Flaminio sobre a dúvida cruel que me dilacerava ha tantos anos... Bastou que o arguisse mentalmente, para que a radiosa entidade me dissêsse em alta voz... meneando a cabeça num gesto delicado... como a exprimir infinita e dolorosa tristeza. "Calpurnia, em má hora duvidaste daquela a quem deverias amar... e proteger como a uma filha querida e carinhosa... porque Livia... é uma criatura imaculada e inocente..."

Nêsse instante... — continuou a enferma com alguma dificuldade — tal foi a impressão dolorosa de minha alma... com a surpresa da resposta... que não mais lobiiguei a visão carinhosa e consoladora... como se fôsse repentinamente chamada ás tristes realidades da vida prática...

A velha matrona tinha os olhos mareados de lágri-

mas, enquanto o senador se entregava silenciosamente ao pranto de suas emoções penosas.

Longos minutos estiveram ambos assim, na posição de quem dava curso ao remorso e ao sofrimento...

Afinal, foi ainda a valorosa patricia quem rompeu o pesado silêncio, tomando as mãos do amigo entre as suas mãos escarnadas e brancas, exclamando:

— Públio, fala-te o coração de uma velha amiga, com as verdades serenas e tristes da morte... Acreditas plenamente nas minhas dolorosas revelações?...

O senador fez um esforço para enxugar as lágrimas que lhe caíam copiosamente dos olhos e movimentando o máximo de suas energias, replicou firmemente:

— Sim, acredito.

— E que faremos agora... para reparar nossas faltas... ante o coração generoso e justo de tua mulher?...

Ele deixou transparecer um clarão de ternura nos olhos e, passando as mãos inquietas pela fronte, como se houvera encontrado uma solução quasi feliz, dirigiu-se á doente com uma irradiação de alegria e de tranquillidade no semblante, dizendo confortado:

— Sabeis da grande festa do Estado, que se realizará de hoje a poucos dias, na qual os senadores com mais de vinte anos de serviços ao Império serão coroados de mirto e rosas, como os trunfadores?

— Sim — respondeu a matrona — tanto que já pedi a meus filhos que... não obstante a minha morte próxima... te acompanhem nessa justa alegria... porque serás um daqueles agraciados pelas nossas autoridades supremas...

— O' minha grande amiga, ninguém póde esperar a vossa morte, mesmo porque não poderemos prescindir da preciosa contribuição da vossa vida; mas, já que cuidamos de reparar o meu êrro grave no passado doloroso, esperarei mais uma semana para levar ao espírito de Livia a expressão do meu reconhecimento, da minha gratidão e do meu profundo amor. Irei a essa festa, a realizar-se, sob os auspícios de Sêneca, que tudo tem feito por dissimular a penosa impressão causada pela

conduta cruel do Imperador, seu antigo discípulo. Depois de receber a corôa da suprema vitória de minha vida pública, trarei todas as condecorações aos pés de Livia, como um preito justo á sua angustiada existência de penosos sacrificios domésticos... Ajoelhar-me-ei ante a sua figura santificada e, retirando da minha frente a auréola do Império, deporei as flôres simbólicas a seus pés, que beijarei humildemente com o meu arrependimento e as minhas lágrimas, traduzindo-lhe gratidão e amor infindos!...

— Generosa idéia, meu filho — exclamou a enferma, sensibilizada — e peço-te que a executes... no momento oportuno. E, no instante... em que testemunhares á Livia o teu amor supremo... dize-lhe que me perdôe... porque eu chorarei de alegria... vendo ambos felizes... lá das sombras tranquilas do meu sepulcro...

Ambos choravam, comovidos, silenciosamente.

Em dado instante, a velha doente apertou as mãos do amigo, como a dizer-lhe um supremo adeus. Calpurnia fixou nêle os grandes olhos claros — a desprenderem irradiações misteriosas e, com lágrimas de emoção inexprimível, exclamou comovidamente:

— Públio... peço... não te esqueças... do prometido... Ajoelha-te aos pés de Livia... como aos de uma deusa... de renúncia e de bondade... Não te importe... a minha partida dêste mundo... Vai á festa do Senado... reparemos... a nossa falta grave... e agora, meu amigo... um último pedido... Vela por meus filhos... como se fossem teus... Ensina-lhes ainda a honradez... a fortaleza... a sinceridade e o bem... Um dia... todos nós... nos reuniremos... na eternidade...

Públio Lentulus apertou-lhe as mãos, sensibilizado, ajeitando-lhe a cabeça encanecida nas sedosas almofadas, enquanto a emoção lhe embargava a voz, sufocada em pranto.

Havia muito que a enferma era atacada, subitamente, de periódicas e prolongadas dispnéias.

O senador abriu as portas do largo aposento onde Livia acorreu, pressurosa, como enfermeira de todos os

instantes, enquanto Flávia e algumas servas acudiam com unguentos e outras panacéias da medicina do tempo.

Calpurnia, porém, parecia atacada pelas últimas aflições que a levariam ao túmulo. Por vinte e quatro horas consecutivas, o peito arfou sibilante, como se a caixa torácica estivesse prestes a rebentar sob o impulso de uma força indomável e misteriosa.

Ao fim de um dia e uma noite de azáfama e angústias, a doente parecia haver experimentado ligeira melhora. A respiração fazia-se menos penosa e os olhos revelavam grande serenidade, embora todo o corpo estivesse salteado de manchas azuladas e violáceas, prenunciando a morte. Apenas a afonia continuava mas, em dado instante, fez um gesto com a mão, chamando Livia á cabeceira, com a terna familiaridade dos antigos tempos. A espôsa do senador atendeu ao apêlo silencioso, ajoelhando-se, com os olhos cheios de lágrimas e compreendendo, pela intuição espiritual, que era chegado o instante doloroso da despedida. Via-se que Calpurnia desejava falar, inutilmente. Foi então que cingiu Livia, amorosamente contra o peito, osculando-lhe os cabelos e a fronte num esforço supremo e, colando os lábios ao seu ouvido, balbuciou com infinita ternura: — Livia, perdôa-me! Sómente a interpelada escutára o brandocício da moribunda. Foram essas as derradeiras palavras de Calpurnia agonizante. Dir-se-ia que sua alma valerosa necessitava, tão sómente, daquele último apêlo para conseguir desvencilhar-se da Terra, elevando-se ao paraíso.

Abraçada á carinhosa amiga, a moribunda depôs novamente a cabeça nas almofadas, para sempre. Um suor abundante transudava de todo o seu corpo, que se aquietou de leve para a suprema regidez cadavérica e daí a minutos seus olhos se fechavam, como se fôsse dormir um grande sono. A respiração foi-se extinguindo brandamente, enquanto uma lágrima pesada e branca lhe rolava nas faces enrugadas, como um raio divino da luz que lhe clarificava a noite do túmulo.

As portas do palácio abriram-se, então, para os tributos afetuosos da sociedade romana. As exéquias da

valerosa matrona, compareceu o que a cidade possuía de mais nobre e mais fino, em sua aristocracia espiritual, dado o elevado conceito em que eram tidas as peregrinas virtudes da morta.

Terminadas as cerimônias da incineração e guardadas as cinzas ilustres da nobre patricia nas sombras do jazigo familiar, Flávia Lentulia assumiu a direção da casa, enquanto seus pais voltavam à residência do Aventino, para o necessário descanso.

Faltavam somente quatro dias para a realização das grandes festas, em que mais de uma centena de senadores receberia a auréola do supremo triunfo na vida pública. Públio Lentulus, que seria um dos homenageados na festa memorável, não obstante o luto da família, aguardava o grande momento, com ansiedade. E' que, recebia a expressão suprema da vitória de um homem de Estado, leva-la-ia aos pés da espôsa, como um símbolo perene do seu afeto e do seu reconhecimento da vida inteira. No seu íntimo, arquitetava a maneira mais doce de se dirigir novamente à companhia, no timbre caricioso e suave que a sua voz havia perdido ha vinte e cinco anos e, verificando a continuidade do seu amor, cada vez mais profundo, pela espôsa, esperava ansiosamente o instante da sua reintegração na felicidade doméstica.

De noite, naquelas horas longas que se passavam, enquanto o velho coração se preparava para as bênçãos da ventura conjugal, em breves dias, ia êle até às proximidades dos apartamentos da espôsa, situados mui distante dos seus, naqueles prolongados anos de amarguras infindas.

Na ante-véspera das grandes festividades a que nos referimos, seriam vinte e três horas, quando a sua figura se postára em frente aos aposentos da companhia, antegozando o ditoso momento da penitência, que significava para êle uma alegria suprema.

Enquanto o pensamento se afundava nos abismos do passado longínquo, sua atenção espiritual foi repentinamente despertada pela melodia suave de uma voz de mulher, que cantava baixinho no silêncio da noite. O

senador aproximou-se, vagarosamente, da porta, colando o ouvido á escuta... Sim! Lívia cantava em voz apagada e mansa, qual uma cotovia abandonada, fazendo soar levemente as cordas harmoniosas de uma lira de suas lembranças mais queridas. Públio chorava comovido, ouvindo-lhe as notas argentinas que se abafavam no ambiente restrito do quarto, como se Lívia estivesse cantando para ela própria, adormecendo o coração humilde e desprezado, para encher de consôlo as horas tristes e desertas da noite. Era a mesma composição das musas do espôso, que se lhe escapava dos lábios naquele instante em que a voz tinha tonalidades estranhas e maravilhosas, de indefinível melancolia, como se tódo o seu canto fôsse mais o lamento doloroso de um rouxinol apunhalado:

"Alma gêmea da minha alma,
Flôr de luz da minha vida,
Sublime estrêla caída
Das belezas da amplidão!...
Quando eu errava no mundo,
Triste e só, no meu caminho,
Chegaste devarinho
E encheste-me o coração.

Vinhas na bênção dos deuses,
Na divina clareza,
Tecer-me a felicidade
Em sorrisos de esplendor!...
Es meu tesouro infinito,
Juro-te eterna aliança,
Porque eu sou tua esperança,
Como és tódo o meu amor!

Alma gêmea da minha alma,
Se eu te perder, algum dia,
Serei a escura agonia
Da saudade nos seus véus...
Se um dia me abandonares,
Luz terna dos meus amores,
Hei de esperar-te, entre as flôres
Da claridade dos céus..."

Dai a minutos, a voz harmoniosa calava, como se fôra obrigada a um divino estacato. O senador retirou-se, então, com os olhos mareados de lágrimas, refletindo consigo mesmo: — Sim, Lívia, de hoje a dois dias hei de provar-te que foste sempre a luz da minha vida inteira... Beijarei teus pés com a minha humildade agradecida e saberei entornar no teu coração o perfume do meu arrependimento...

Penetrando no aposento de Lívia, vamos encontrá-la genuflecta, depois de haver deposto a lira das suas recordações sobre um móvel predileto. Ajoelhára-se, como sempre, frente á cruz de Simeão que, nêsse dia, mostrava a seus olhos espirituais uma claridade mais intensa.

No curso de suas preces, ouviu a palavra do amigo invisível, cuja tonalidade profunda parecia gravar-se, para sempre, no imo da sua consciência: — Filha — exclamava a voz amiga do plano espiritual — regosija-te no Senhor, porque são chegadas as vésperas da tua ventura eterna e imorredoura! Eleva teu pensamento humilde a Jesús, porque não está longe o instante ditoso da tua gloriosa entrada no seu Reino!...

Lívia deixou transparecer no olhar uma atitude de alegria e surpresa, mas, cheia de confiança e fé na providência divina, guardou o conforto daquelas palavras sacrossantas nos refolhos mais íntimos do coração.

V

NAS CATACUMBAS DA FÉ E NO CIRCO DO MARTÍRIO

No dia imediato á cena que acabamos de descrever, vamos encontrar, juntas, as duas amigas diletas que, longe de serem a senhora e a serva, eram duas almas unidas pelos mesmos ideais, ligadas pelos élos mais santos do coração.